

A REITERAÇÃO COMO RELAÇÃO DE REFERENCIAÇÃO MULTIMODAL EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DE UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Alyne Maria da Silva Melo¹
Paulo Vinícius Ávila Nóbrega²

RESUMO

O intuito deste trabalho é apresentar uma análise da negociação de sentidos de 01 criança com Síndrome de Down por meio da relação de reiteração na referenciação multimodal em cenas interativas. Procura-se com isso, observar como a criança se articula com adultos diante do uso de recursos lúdicos, com intenção de compreender as estratégias de interação usadas pela criança na comunicação, principalmente através do uso de elementos multimodais entre os sujeitos participantes como, por exemplo, o olhar, os gestos e a produção vocal; procuramos também entender a influência dos contextos interativos para o engajamento da criança com o adulto. Utilizamos como referencial teórico os estudos de Ávila-Nóbrega (2017), no qual os gestos e o direcionamento do olhar, em nosso trabalho, ocupam a mesma matriz de produção do vocal, como instituição linguística (ÁVILA-NÓBREGA, 2017). Os nossos dados foram coletados da Clínica Escola de Fonoaudiologia da UFPB, onde a criança analisada frequenta semanalmente. Os encontros dessa criança foram iniciados no ano de 2014 e vigoram até o momento. Os dados coletados são armazenados em mídia DVD e cada cena de atendimento tem uma média de duração de 30 minutos. Nossa análise foi realizada de modo qualitativo, e em nossos resultados conseguimos perceber a importância da reiteração para a negociação de sentidos e para o auxílio na construção do engajamento com a criança, como também um recurso multimodal que atua como um facilitador no processo de aquisição da linguagem.

Palavras-chave: Aquisição de linguagem; Reiteração; Síndrome de Down;

INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down (SD) é uma alteração genética gerada pela presença de uma terceira cópia do cromossomo 21 em todas as células do organismo, apresentando assim uma divisão celular atípica que está presente na espécie humana desde a sua origem.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), Universidade Federal de Campina Grande- Paraíba, alynemariia15@gmail.com;

² Orientador – Prof. Dr. do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, campus III- (UEPB), pvetras@servidor.uepb.edu.br.

Nessa conjuntura, o primeiro registro antropológico sobre a SD, no que diz respeito ao nível de detalhes anatômicos, foi encontrado na Inglaterra entre os anos de 700-900 d.C., sendo um crânio de uma criança de 9 anos com características semelhantes aos sujeitos com SD.

No âmbito dos estudos científicos, a síndrome foi primeiramente descrita e caracterizada por John Langdon Down, em 1866, já as primeiras pesquisas produzidas para além da análise das características físicas da SD foram desenvolvidas somente em 1958 pelo francês Jerome Lejeune e pela inglesa Pat Jacobs. Com efeito, ambos descobriram a origem cromossômica da Síndrome e seus estudos auxiliaram na definição de SD, que a partir disso passou a ser considerada uma síndrome genética.

Perante o exposto, considerando os impactos que a Síndrome acarreta nas questões cognitivas e linguísticas do indivíduo. Nesse contexto, podemos dizer que a limitação na retenção de informações da mensagem falada afeta a produção e o processamento da linguagem. Assim, as frases não são adequadamente produzidas, porque a criança retém somente algumas palavras daquilo que ouve e essa dificuldade influencia também o aprendizado da gramática e a sintaxe (ALVES; DELGADO; VASCONCELOS, 2012).

Nessa perspectiva, pesquisas também indicam que as singularidades da SD representam 25% dos casos de atraso intelectual, particularmente na dificuldade do desenvolvimento da linguagem, à vista disso, estudos apontam que a SD provoca alterações na aquisição da linguagem das crianças, especialmente no desenvolvimento da linguagem expressiva verbal, o que repercute na comunicação social (LIMA; DELGADO, CAVALCANTE, 2017), por essa razão, durante muito tempo, pessoas com a síndrome foram consideradas tardias ou incapazes de desenvolverem qualquer tipo de aquisição da linguagem.

A linguagem humana (seja os aspectos apenas verbais ou os multimodais) tem sua natureza dinâmica e negociável, portanto, não há como tacharmos alguma manifestação de anormal, mormente, no que se refere a pessoas que têm um funcionamento diferente do esperado pela normatividade social (ÁVILANÓBREGA, 2021). Em meados do século XX o conceito de linguagem foi constantemente relacionado ao resultado de uma cognição individual e não de uma relação social.

Com os estudos da língua atrelados à Psicologia, foram considerados como parte da comunicação intencional e do processo de aquisição da linguagem não somente as atividades verbais, mas também as expressões vocais, os gestos e as posturas corporais.

Dessa forma, nos estudos levantados por Lima, Delgado e Cavalcante (2017) observouse que as crianças com SD têm maior preferência pelo uso de gestos para se comunicar e que eles podem usar diferentes tipos de produção de acordo com seu interlocutor e contexto.

Desse modo, conseqüentemente, a partir da atenção conjunta a imagem ou o objeto, associado ao gestos de apontar — seja com a cabeça, a mão, o dedo ou o rosto — , produzem na criança um maior entendimento das intenções comunicativas do adulto, já que, o pegar, agarrar e mostrar objetos facilita o desenvolvimento da linguagem na SD. Por isso, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento linguístico das crianças com SD e dos meios que os auxiliam, podemos afirmar que a multimodalidade é uma abordagem interdisciplinar em que se investiga como as pessoas utilizam e transformam os efeitos socioculturais (fala, gesto, olhar, entre outros) para estabelecer relações comunicativas (MELO; CAVALCANTE, 2021).

Portanto, levando em consideração a definição da língua como uma essência dinâmica, a fala, os movimentos e o olhar são práticas que auxiliam na construção linguística de crianças com SD. Nesse contexto, levando em conta problemas cognitivos como os atrasos na fala e a dificuldade sensorial, as crianças com SD recorrem a outros meios que os auxiliem no desenvolvimento da comunicação, conforme o conceito de referenciação multimodal apresentado por Ávila-Nóbrega (2017), no qual é definido como o processo pelo qual os objetos de discurso (referentes) são negociados pelos interactantes, nesse dinamismo da linguagem, por meio do uso congruente dos muitos modos.

Esse processo resulta em relações linguísticas de interação, como é o caso da reiteração, que retoma algum objeto de discurso anteriormente inserido na cena, o qual muitas vezes não foi satisfatoriamente negociado. Além disso, pode ser estabelecida para o amadurecimento e/ou manutenção de algum tópico na negociação dos sentidos e não se confunde com a repetição (ÁVILA-NÓBREGA, 2017).

Tendo em vista a importância de apontar estudos que explorem a individualidade da síndrome e que auxiliem no crescimento completo do indivíduo fizemos um levantamento de estudos realizados na área de aquisição da linguagem, em especial, na referenciação multimodal em crianças com SD e no uso da reiteração como negociação de sentidos, nas plataformas, Google Acadêmico, Scielo (Scientific Electronic Library

Online) e Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), para a nossa pesquisa.

Realizado isso, encontramos apenas dois trabalhos no Google Acadêmico. O primeiro intitulado O sistema de referência multimodal de crianças com Síndrome de Down em engajamento conjunto, no qual se refere à análise do uso de diferentes modos de linguagem para negociação de objetos de discurso, negociados através das relações de referência conhecidas como repetição, associação, reiteração e conexão. O segundo, intitulado Crianças com Síndrome de Down: referência e multimodalidade em contexto lúdico, apresenta o uso da referência multimodal de duas crianças com SD, no engajamento conjunto em contextos lúdicos.

Nesse sentido, objetivou-se com esse trabalho analisar como 01 criança com SD negocia sentidos em cenas interativas com adultos, por meio da relação de reiteração na referência multimodal. Por conseguinte, especificamente, observar como a criança se articula com adultos diante do uso de recursos lúdicos com intenção de compreender as estratégias de interação usadas pela criança na interação com adultos, principalmente através do uso de elementos multimodais na interação entre os sujeitos participantes como, por exemplo, o olhar, os gestos e a produção vocal. Por fim, entender a influência dos contextos interativos para o engajamento da criança com o adulto.

Com efeito, este trabalho justifica-se em razão de não existir na grade curricular, disciplinas no curso de Letras do Centro de Humanidades que deem ênfase a estudos sobre patologias, desvios ou distúrbios de linguagem. Desse modo, acreditamos que formamos profissionais completos quando, em seu campo de atuação, lidam com uma clientela para além da típica, com questões e necessidades especiais.

Outra justificativa se dá pelo fato de desenvolvermos a primeira parte da pesquisa de iniciação científica com o projeto: “Aquisição da Linguagem e Estratégias Multimodais de Interação: o Engajamento Conjunto entre Crianças com Síndrome de Down e Terapeutas,” por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), cota 2019/2020; tendo continuidade com o projeto “O Uso de Gestos Icônicos no Processo de Aquisição da Linguagem e Atencionalidade de Crianças com Síndrome de Down”, cota 2020/2021; e com o projeto “A Emergência dos Gestos Dêiticos na Aquisição da Linguagem de Crianças com Síndrome de Down”, também da cota 2020/2021. Esses trabalhos são parte do GEILIM: Grupos de Estudos Interdisciplinares – Linguagem, Interação e Multimodalidade (CNPq/UEPB). Sendo

assim, esta proposta visa à investigação de fatores específicos, não trabalhados nas orientações de iniciação científica anteriores.

METODOLOGIA

A criança dos nossos dados frequenta os atendimentos semanalmente, como parte do projeto Letramento em Pauta: Intervenção Fonoaudiológica em sujeitos com Síndrome de Down. Os encontros dessa criança foram iniciados no ano de 2014 e vigoram até o momento. A criança é diagnosticada com SD do tipo translocação, ou seja, os desvios cromossômicos que a acometem atingem os cromossomos 21 e 14.

Os dados coletados são armazenados em mídia DVD. Cada cena de atendimento tem uma média de duração de 30 minutos. Ao longo das análises, faremos ilustrações dos recortes dos diálogos destacamos o fato de a transcrição dos diálogos ser ortográfica.

Por questões éticas, utilizamos siglas como, por exemplo, CA (02 anos e 08 meses), para indicar a criança analisada nos dados coletados. Além disso, utilizaremos as siglas P1 e P2, para nos referirmos às profissionais 1 e 2, nos momentos do engajamento. Os dados que serão apresentados na pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética da UFPB, sob o processo 46076215.8.0000.5188.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscaremos demonstrar aqui os atendimentos desenvolvidos com CA, analisando de maneira qualitativa as cenas de atendimento, buscando explicitar as relações de referenciação multimodal que decorrem de tais contextos, através da utilização da reiteração. Os atendimentos estarão expressos sob forma de diálogo.

1. Recorte de diálogo e análise do atendimento de CA

Idade de CA: 02 anos e 08 meses

Sessão: 07/11/2014

Contexto: P1 e CA estão em um tapete colorido no chão manuseando um jacaré de brinquedo.

Recorte de diálogo

P1: olha “CA”, cadê a boca do Jacaré ?
P1: cadê a boca do Jacaré? Me mostra
P1: olha, olha a boca
 (aponta para a boca do brinquedo do jacaré)
P1: vamos abrir a boca do jacaré, vamos?
P1: umm, umm
 (levanta e abaixa a boca do brinquedo do jacaré e faz o som)
CA: (tenta repetir movimento de abrir e fechar a boca do jacaré, como P1)
P1: fecha a boca agora
CA: (tenta fechar a boca do jacaré)
P1: vai fecha, assim ó
 (repete o movimento de fechar a boca do jacaré)
CA: (abre e fecha a boca do jacaré)
P1: eita! abre agora para tia vê!
CA: (abre a boca do jacaré)

No início do atendimento, P1 está sentada junto com CA em um tapete colorido com um jacaré de brinquedo questionando: “cadê a boca do jacaré?”, olhando para CA e apontando para o local com a mão direita. Enquanto a profissional continua questionando, CA brinca com o jacaré de forma dispersa, por isso conseguimos perceber que “boca do jacaré” não foi satisfatoriamente negociado. Assim, P1 reitera a ideia de outra forma, através da reformulação sobre o mesmo sentido, pedindo para CA abrir e fechar a “boca do jacaré” repetidamente, apontando para o brinquedo e olhando para a criança. Logo após, CA olha para P1, olha para o brinquedo e prontamente repete o movimento de abrir e fechar a boca do jacaré.

Nesse contexto, é importante reforçar que a reiteração faz parte de um sistema de referenciação multimodal, ou seja, ela é composta por um conjunto de nuances da linguagem que vai além do verbal, como conseguimos perceber na cena descrita acima com o olhar, apontar e tocar instigados por P1. Para uma melhor compreensão da interação utilizaremos um esquema desenvolvido por Ávila-Nóbrega (2017), o SRM (Sistema de Referenciação Multimodal), no qual ele apresenta o dinamismo circular da linguagem e suas várias ramificações. Vejamos agora como ocorreu a reiteração e o uso dos multimodos na cena:

Figura 1: Sistema de Referência Multimodal de CA



(Fonte: Melo e Ávila-Nóbrega (2022))

A reiteração é construída através da negociação de sentidos e em conjunto com os objetos do discurso. Por isso, observemos que nesse momento de interação é notável que P1 utilizou elementos multimodais, que constituem a reiteração, apresentados anteriormente, como o apontar, o direcionamento do olhar e a produção vocal, para que a ideia "boca do jacaré" fosse totalmente assimilada. Assim, analisemos outro trecho da sessão:

Recorte de diálogo

P1: olha “CA”, vamos encaixar agora? O que a gente tirou.

P1: vamos?

P1: pronto, agora a gente vai montar o jacaré

(começa a montar o jacaré)

P1: vamos? vamos? assim ó

(continua montando o jacaré)

P1: onde é que cabe esse aqui? Vamo vê vamo?

(mostrando o cubo para CA)

CA: (pega cubo da mão de P1 e tenta encaixar no jacaré)

P1: aí não. Olha “CA”, vê se cabe aqui

(apontando para o encaixe certo)

P1: aqui ó, nesse que tia tá mostrando

(apontando para o encaixe certo)

CA: (tenta colocar no encaixe certo mas não consegue)

P1: vamos colocar aqui dentro, assim ó

(mostra o encaixe certo novamente)

P1: chega, vem colocar comigo, vem ver se cabe, ó

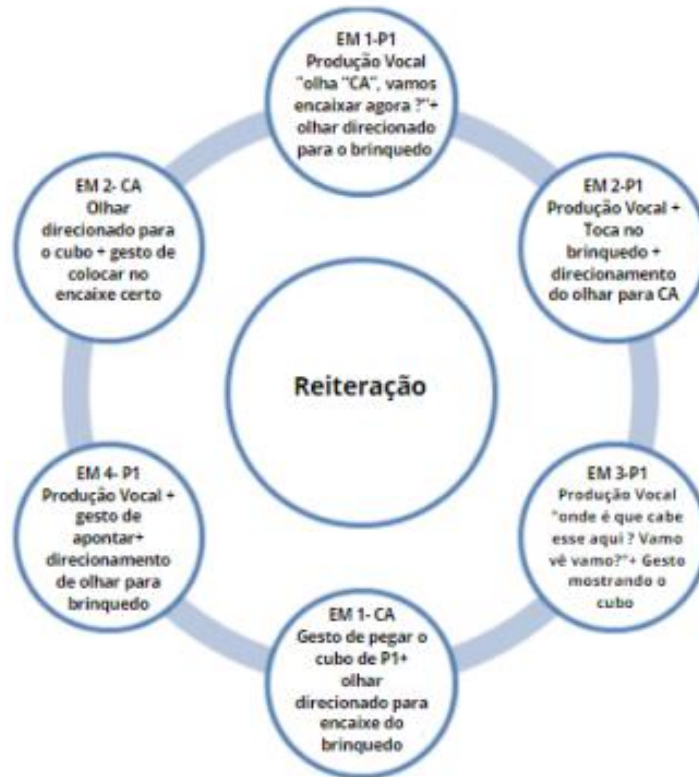
(mostrando para CA onde encaixa)

Nessa parte da sessão, CA começa a brincar novamente com o jacaré de maneira aleatória e P1 utiliza a oportunidade para criar outra cena de negociação, desta vez, com encaixe correto da figura geométrica. A profissional inicia o atendimento tentando retomar a atenção de CA, atrelando a produção vocal “olha CA, vamos encaixar agora? O que a gente tirou”, o olhar direcionado para o brinquedo e a ação de montar o jacaré, P1 continua com “Onde é que cabe esse aqui? Vamo vê vamo?”, pegando com a mão direita o cubo e mostrando para a criança. Após isso, CA pega o cubo e tenta encaixar no brinquedo, mas não consegue.

A partir disso, P1 reitera mais de uma vez em que local o objeto encaixa corretamente, primeiro com a produção vocal “aí não. Olha “CA”, vê se cabe aqui”, segundo com o apontar com a mão direita para o brinquedo, e logo após com o direcionamento do olhar para a criança, apontando novamente com a mão direita e reafirmando “aqui ó, nesse que tia tá mostrando”. A profissional prossegue a sessão e reitera outra vez quando percebe que a criança não assimilou satisfatoriamente, entrelaçando as produções vocais “vamos colocar aqui dentro, assim ó”, “chega, vem

colocar comigo, vem ver se cabe”, e o gesto de indicar com a mão direita em ambos momentos. Vejamos mais uma vez a ilustração do SRM da interação:

Figura 2: Sistema de Referência Multimodal de CA



(Fonte: Melo e Ávila-Nóbrega (2022))

Assim, enxergamos a reiteração sendo utilizada como um auxiliador e impulsionador dos processos instigados por P1 em cada etapa das cenas analisadas. Os objetos do discurso foram conectados novamente não apenas pela produção da fala, mas pelo direcionamento do olhar, da repetição dos gestos, do toque, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos ao longo da nossa pesquisa analisar o uso da “reiteração” como relação de referência multimodal no processo de aquisição de linguagem de uma criança com SD, observando cenas de interação realizadas com as terapeutas. Logo, conseguimos

perceber a importância da reiteração para a negociação de sentidos e para o auxílio na construção do engajamento com a criança. O uso da linguagem para CA vai além das produções verbais, ou seja, a criança em conjunto com P1 utiliza as várias nuances dos multimodos para a sua comunicação. Portanto, a reiteração é um recurso multimodal que atua como um facilitador no processo de aquisição da linguagem.

Dessa forma, o nosso trabalho contribui para grupos de pesquisas e instituições de ensino superior na área de Letras, uma vez que é um tema novo, também para pesquisadores e estudantes do campo da SD ou síndromes similares, visto que buscamos compreender as estratégias de interação de sujeitos com SD no processo de aquisição da linguagem.

REFERÊNCIAS

ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius. **O Sistema de Referenciação Multimodal de Crianças com Síndrome de Down em Engajamento Conjunto. 2017. (Tese de Doutorado). João Pessoa: UFPB, João Pessoa, 2017.**

_____. Notas históricas sobre a Síndrome de Down. In: ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius (org.). **Nuances da linguagem em uso: a Síndrome de Down em foco.** Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 21-39

ALVES, G. Anderson dos S.; DELGADO, I. C.; VASCONCELOS, M. L. de. O desenvolvimento da linguagem escrita em crianças com síndrome de Down. **Revista Prolíngua.** João Pessoa. Vol 1, N. 1, 2012

LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa; DELGADO, Isabelle Cahino; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Desenvolvimento da linguagem na Síndrome de Down: análise da literatura. **Revista Distúrbios da Comunicação.** São Paulo. V 29, N. 2, 2017

MELO, Ediclécia Sousa de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A Construção de gestos emblemáticos por crianças com síndrome de Down em contextos de atendimento clínico. In: ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius (org.). **Nuances da linguagem em uso: o sujeito sob diferentes perspectivas.** Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 263-28